

Prólogo

## A Espada de Honra



# 1

**Quando Gervase e Hermione**, os avós de Guy Crouchback, vieram à Itália em lua-de-mel, soldados franceses guarneciam as defesas de Roma, o Sumo Pontífice saía em carruagem aberta e cardeais exercitavam-se montando em selas de lado na Colina del Pincio.

Gervase e Hermione foram recebidos em uma vintena de palácios adornados de afrescos. O Papa Pio recebeu-os em audiência privada e lhes deu benção especial pela união de duas famílias inglesas que haviam padecido por sua fé e, ainda assim, retinham expressivo quinhão de grandeza material. Durante os anos anticatólicos, jamais faltara um padre à capela de Broome, e as terras de Broome estendiam-se desimpedidas e inalteradas das colinas de Quantocks às de Blackdown. Antepassados de ambos haviam morrido no cadafalso. A cidade, agora coberta por uma maré de convertidos ilustres, ainda se lembrava com orgulho dos velhos companheiros de armas.

Gervase Crouchback confiava as suíças e tinha uma platéia atenta aos seus pontos de vista sobre a questão irlandesa e as missões católicas na Índia. Hermione instalava seu cavalete entre as ruínas e, enquanto ela pintava, Gervase lia em voz alta poemas de Tennyson e Patmore. Ela era bonita e falava três línguas; ele era tudo o que os romanos esperavam de um inglês. Em toda parte, o feliz casal era elogiado e mimado, mas nem tudo ia bem com eles. Sinal nenhum ou indício lhes traía o infortúnio, mas quando a última visita ia embora e eles subiam para a própria intimidade, havia uma triste falha entre os dois feita de pudor e ternura e inocência, da qual nenhum falava, exceto em oração.

Tempos depois, eles embarcaram num iate em Nápoles e subiram vagarosamente a costa, entrando em portos quase desertos. A bordo, certa noite, sozinhos no camarote, tudo finalmente se acertou entre

eles, e o amor que sentiam um pelo outro completou-se com grande felicidade.

Antes de adormecerem, sentiram o parar das máquinas e ouviram o estrépito da amarra. Quando Gervase subiu ao convés de madrugada, viu que o navio fundeara num local abrigado por uma elevada península. Chamou Hermione para junto dele, e assim, de pé, mãos dadas, próximos à borda molhada da popa, tiveram ambos sua primeira vista de Santa Dulcina delle Rocce e guardaram o lugar e toda a sua gente em seus corações exultantes.

O cais estava apinhado como se os moradores tivessem sido sacudidos da cama por um terremoto; as vozes vinham claramente sobre a água, admirando a estranha embarcação. Casas subiam a pino do cais; duas se destacavam das paredes brancas e ocres e das telhas enferrujadas: a igreja, com um domo e a fachada em volutas, e um tipo de castelo composto de dois grandes baluartes e de algo que parecia uma torre de vigia em ruínas. Detrás da cidade, por uma curta faixa de terreno, a encosta era de terraços cultivados, depois, mais acima, estourava loucamente em rochedos e urzes brancas. Havia um jogo de cartas que Gervase e Hermione haviam jogado juntos no tempo de escola, no qual quem fizesse um truco dizia: “É meu.”

— É meu — gritou Hermione, tomando posse de tudo que via por direito de felicidade.

Mais tarde, naquela manhã, os ingleses desembarcaram. Dois marinheiros foram à frente para evitar aborrecimentos por parte dos locais. Seguiam-se quatro casais de damas e senhores; depois, os criados, carregando canastras de vime e xales e material de desenho. As damas usavam bonés de iate e protegiam as saias do chão de pedras; algumas levavam *lorgnettes*. Os cavalheiros as senhoras com sombrinhas de franjas. Foi um tipo de procissão que Santa Dulcina delle Rocce jamais vira antes. Eles passearam pelas arcadas, mergulharam brevemente na sombra fresca da igreja e subiram os degraus que levavam da *piazza* às fortificações.

Sobrara pouco. A grande plataforma estava toda rachada pela infiltração de giesta e pinheiros. A torre de vigia cheia de entulho. Dois chalés haviam sido construídos na encosta com as pedras finamente

cortadas do velho castelo, e duas famílias de composeses correram a recebê-los com ramos de mimosas. A merenda do piquenique foi servida na sombra.

— É uma pena, quando se chega aqui em cima — disse o dono do iate desculpando-se. — Sempre assim com estes lugares. Melhor vê-los de longe.

— Pois eu acho um lugar perfeito — retrucou Hermione — e nós vamos morar aqui. Favor não dizer uma palavra contra nosso castelo.

Gervase riu com a mesma indulgência dos demais, porém, tempos depois, quando morreu seu pai e ele parecia estar rico, o projeto voltou à vida. Gervase fez indagações. O castelo pertencia a um idoso advogado de Gênova, que ficou feliz em vender. Em pouco tempo, uma casa comum quadrada ergueu-se das fortificações, e goivos ingleses juntaram doçura à murta e ao pinho. Gervase chamou sua nova casa Villa Hermione, mas o nome nunca pegou no local. Foi entalhado em letras grande nos pilares do portão, mas a madressilva se espalhou e o escondeu. A gente de Santa Dulcina dizia sempre “Castello Crouchback” até que, eventualmente, o nome achou o caminho para o papel de carta, e Hermione, noiva feliz, ficou sem a homenagem.

Qualquer que fosse o nome, entretanto, o Castello manteve o caráter de sua origem. Por cinqüenta anos, até que as sombras se fechassem sobre a família Crouchback, foi um recanto de felicidade e amor. O pai de Guy e o próprio Guy lá estiveram em lua-de-mel. Era sempre cedido a primos e amigos recém-casados. Foi o lugar das férias mais felizes de Guy ao lado dos irmãos e da irmã. O vilarejo mudou um pouco, mas nem rodovia nem ferrovia jamais tocou a alegre península. Mais alguns estrangeiros construíram as suas vilas ali. A estalagem aumentou, acrescentaram algum tipo de saneamento e um café-restaurante, chamou-se “Hotel Eden” e, abruptamente, durante a crise da Abissínia, mudou de nome para “Albergo del Sol.” O proprietário da garagem tornou-se secretário dos fascistas locais. Mas, em sua última manhã, descendo para a piazza, Guy viu pouca coisa que não teria sido familiar aos olhos de Gervase e Hermione. Uma hora antes do meio-dia, o calor já estava ardente, mas ele caminhava tão

leve quanto os avós naquela primeira manhã de júbilo secreto. Para ele, assim como para eles, o amor frustrado tivera a primeira satisfação. Ele estava de malas prontas e vestido para uma longa viagem de volta ao seu próprio país para servir ao seu Rei.

Apenas sete dias antes, ele abrira o jornal matutino nas manchetes que anunciavam a aliança russo-alemã. A notícia que abalou os políticos e os jovens poetas de uma dúzia de capitais trouxeram enorme paz a um coração inglês. Oito anos de vergonha e solidão chegavam ao fim. Por oito anos, já afastado dos amigos por sua profunda mágoa, aquela perda inestancável a consumir-lhe por dentro o amor e a vida, Guy estivera privado das lealdades que deveriam tê-lo sustentado. Vivia muito perto do fascismo italiano para compartilhar os entusiasmos contrários de seus compatriotas. Não o via nem como calamidade nem como um renascimento; apenas uma improvisação grosseira. Não gostava dos homens que se infiltravam no poder político das redondezas, mas as denúncias inglesas soavam simplórias e desonestas e, nos últimos três anos, Guy havia deixado de ler os jornais da Inglaterra. Os nazis alemães ele sabia que eram loucos e maus. A participação deles desonrava a causa da Espanha, mas os problemas da Boêmia, no ano anterior, deixaram-no bastante indiferente. Quando Praga caiu, ele sabia que a guerra era inevitável. Achou que seu país entraria na guerra em pânico, pelas razões erradas ou por nenhuma razão, com os aliados errados, em deplorável fraqueza. Mas agora tudo ficara esplendidamente claro. O inimigo, finalmente, estava à vista, imenso e odioso, todo disfarce sumira. Era a Idade Moderna em armas. Fosse qual fosse o resultado, havia um lugar para ele naquela batalha.

Tudo estava em ordem agora no Castello. As despedidas formais foram feitas. Na véspera, ele visitara o Arciprete, o Podestà, a Reverenda Madre no Convento, Mrs Garry na Villa Datura, os Wilmots no Castelletto Musgrave, a Gräfin von Gluck na Casa Gluck. Faltava agora um último assunto particular a tratar. Trinta e cinco anos, esbelto e elegante, claramente um estrangeiro, mas não tão obviamente um inglês, jovem, naquele instante, de coração e de passo, ele ia despedir-se de um amigo da vida inteira que jazia, como era o certo para um homem que morrera fazia oitocentos anos, na igreja da paróquia.

Santa Dulcina, padroeira titular da cidade, diziam ter sido uma vítima de Diocleciano. Sua efígie em cera deitava-se com langor no relicário de vidro sob o altar-mor. Os ossos, trazidos das ilhas gregas por uma expedição medieval, estavam na sua rica urna no cofre da sacristia. Uma vez por ano, eram levados pelas ruas nos ombros dos fiéis, sob cataratas de fogos de artifício, mas, exceto no dia de sua festa, a santa não era muito considerada na cidade à qual dera seu nome. O lugar dela como benfeitora fora usurpado por outra figura, cujo túmulo estava sempre coberto de rolinhos de papel com pedidos, atados com fios coloridos de lã à guisa de aide-mémoires. Ele era mais velho que a igreja, mais antigo que tudo dentro dela, exceto os ossos de Santa Dulcina e um explosivo segredo pré-cristão, oculto atrás do altar (cuja existência o Arciprete sempre negava). O nome dele, ainda se podia ler, era Roger of Waybroke, Cavaleiro, um inglês; o seu brasão, cinco falcões. A espada e uma luva de ferro ainda jaziam ao seu lado. O tio de Guy, Peregrine, que estudava essas coisas, aprendera um pouco de sua história. Waybroke, agora Waybrook, era bastante perto de Londres. Fazia muito tempo que a mansão de Roger se perdera sob outras construções. De lá ele saiu para a Segunda Cruzada, fez-se ao mar em Gênova e naufragou no litoral de Santa Dulcina delle Rocce. Ali, alistou-se no serviço do conde local que lhe prometera levá-lo à Terra Santa, mas, antes, levou-o a combater um vizinho, de cujo castelo ele tombou junto às paredes no momento da vitória. O conde deu-lhe honras fúnebres e, naquele lugar, permanecera através dos séculos, enquanto a igreja desmoronava e era reconstruída sobre ele, longe de Jerusalém, longe de Waybroke, um homem ainda com toda uma longa jornada pela frente e um grande voto não cumprido; mas o povo de Santa Dulcina delle Rocce, para quem o sobrenatural, em todas as suas ramificações, estava sempre presente e sempre muito mais vivo do que o prosaico mundo em torno deles, adotou Sir Roger e, apesar das objeções do clero, o canonizou, a ele trazia seus problemas e tocava-lhe a espada para dar sorte, de forma que a lâmina estava sempre a brilhar. Por toda a vida, mais ainda nos últimos anos, Guy sentira uma afinidade especial com “il Santo Inglese.” Agora, no seu

último dia, foi direto à tumba e passou o dedo, como faziam os pescadores, pela espada do cavaleiro.

— Sir Roger, reze por mim — pediu ele — e pelo nosso reino em perigo.

O confessionário estava ocupado naquela manhã, pois era o dia em que Suora Tomasina trazia as crianças da escola para suas obrigações. Elas sentavam-se em um banco ao longo da parede, cochichando e beliscando umas as outras, enquanto a freira adejava sobre elas, parecendo uma galinha, levando cada uma à grade do confessionário e de lá ao altar-mor para rezarem as penitências.

Num impulso, não porque a consciência o atormentasse, mas porque era um hábito de infância confessar-se antes de uma viagem, Guy fez um sinal para a irmã e interrompeu a seqüência de diabretes pecantes.

— *Beneditemi, padre, perche ho peccato...* — Guy achava fácil confessar-se em italiano. Falava bem o idioma, embora sem nuances. Não corria o risco de se aprofundar além da denúncia de suas poucas infrações da lei, de suas habituais fraquezas. Naquela desolação onde sua alma definhava ele não precisava, não poderia entrar. Não tinha palavras que a descrevessem. Em língua alguma. Nada havia a descrever, apenas um vácuo. O dele não era um “caso interessante,” pensava. Nenhum conflito cósmico eclodia em sua alma triste. Era como se oito anos antes ele houvesse tido um ligeiro derrame paralisante; todas as suas faculdades espirituais estavam mal perceptivelmente danificadas. Estava “aleijado,” como teria dito Mrs Garry da Villa Datura. Nada havia a dizer.

O padre deu-lhe sua absolvição e disse as palavras tradicionais de dispensa:

— *Sia lodato Gesu Cristo.*

Ao que ele respondeu:

— *Oggi, sempre.*

Ele se levantou, rezou três Ave Marias diante da imagem de cera de Santa Dulcina e passou pela cortina de couro de volta à intensa claridade da piazza.

Filhos, netos e bisnetos dos camponese que originalmente haviam

dados boas-vindas a Gervase e Hermione ainda moravam nas casas atrás do Castello e cultivavam os terraços em volta. Eles cultivavam e faziam o vinho; vendiam as azeitonas; mantinham uma vaca quase estiolada num estábulo subterrâneo, do qual ela, de vez em quando, fugia e pisoteava as hortas e saltava sobre as cercas baixas até ser, com imenso drama, recapturada. Pagavam o arrendamento com produtos e serviço. Duas irmãs, Josefina e Bianca, faziam os trabalhos domésticos. Tinham servido o último almoço de Guy debaixo das laranjeiras. Ele comeu seu spaghetti e bebeu seu *vino scelto*, o capitoso vinho amarronzado do lugar. Em seguida, com estardalhaço, Josefina trouxe um enorme bolo confeitado, feito para lhe homenagear a partida. Seu pouco apetite já estava atendido. Olhou, alarmado, Josefina cortar a fatia. Provou, elogiou, esfarelou. Josefina e Bianca, implacáveis, ficaram ao lado dele até que acabasse o derradeiro pedaço.

O táxi esperava. Não havia entrada de carro para o Castello. Os portões ficavam ao pé de um lance de degraus. Quando Guy levantou-se para ir embora, o pequeno grupo do pessoal da casa, vinte ao todo, se reuniu para vê-lo partir. Eles ficariam, o que quer que houvesse. Todos lhe beijaram a mão. A maioria chorou. As crianças jogaram flores dentro do carro. Josefina pôs-lhe no colo o resto do bolo enrolado num jornal. Acenaram até que ele saiu de vista, depois voltaram às suas siestas. Guy passou o bolo para o banco de trás e limpou as mãos com o lenço. Ficou feliz com o fim daquela aflição e esperou, resignadamente, que o secretario fascista iniciasse a conversa.

Ele não era benquisto, Guy sabia, nem em casa nem na cidade. Era aceito e respeitado, mas não era *simpatico*. A Gräfin von Gluck, que não falava uma palavra de italiano e vivia em indisfarçável concubinato com seu mordomo, era *simpatica*. Mrs Carry, que distribuía panfletos protestantes, dava palpites sobre a maneira de os pescadores matarem polvos e enchia a casa com gatos perdidos, era *simpatica*.

O tio de Guy, Peregrine, um chato de renome internacional, cuja temível presença esvaziaria a sala em qualquer lugar civilizado – tio Peregrine era considerado *molto simpatico*. Os Wilmots eram grosseiros vulgares; usavam Santa Dulcina apenas como estação de veraneio, não contribuía para nenhum fundo local, davam festas barulhentas,

usavam roupas indecentes, falavam em “carcamanos” e, terminado o verão, costumavam ir embora sem pagar as contas no comércio; mas tinham quatro filhas feias e turbulentas que os Santa-Dulcinesi tinham visto crescer. Melhor ainda, haviam perdido um filho quando nadava ali junto às pedras. Os Santa-Dulcinesi partilhavam essas alegrias e tristezas. Observavam com satisfação as partidas inconspícuas, apressadas, no fim das férias. Eram *simpatici*. Até mesmo Musgrave, que fora o dono do Castelletto antes dos Wilmots e lhe dera o nome, Musgrave que, se dizia, não podia voltar para a Inglaterra ou para os Estados Unidos por causa de mandados de prisão, “Musgrave, o monstro,” como os Crouchbacks o chamá-lo – *ele era simpatico*. Só Guy, a quem eles conheciam desde a infância, que falava a língua e era da mesma religião, que era generoso em todos os tratos e escrupulosamente respeitoso em relação aos seus costumes, cujo avô lhes construía a escola, cuja mãe doara um conjunto de vestes bordadas pela Escola Real de Corte e Costura para a procissão anual dos ossos de Santa Dulcina – só Guy era um estranho entre eles.

Disse o camisa-negra:

— Você está indo embora por longo tempo?

— Enquanto durar a guerra.

— Não vai haver guerra. Ninguém quer. Quem ganha com isso?

No caminho, em toda parede sem janelas viam-se cartazes com a cara ameaçadora de Mussolini onde se lia “o Duce tem sempre razão.” O secretário fascista tirou as mãos do volante e acendeu um cigarro, acelerando ao mesmo tempo. “O Duce tem sempre razão,” “o Duce tem sempre razão” passava com rapidez e se perdia na poeira.

O secretário fascista tirou as mãos do volante e acendeu um cigarro, ao mesmo tempo em que acelerava. “O líder está sempre certo...” “O líder está sempre certo” perpassava rapidamente e se perdia na poeira.

— A guerra é uma bobagem — disse o mau discípulo. — Você vai ver. Tudo vai se acertar.

Guy não refutou. Não estava interessado no que pensava ou dizia o taxista. Mrs Garry começaria uma discussão. Certa vez, no carro desse mesmo homem, ela o fizera parar, indo a pé para casa, andan-

do cinco quentes quilômetros, para mostrar o quanto detestava sua filosofia política. Mas Guy não tinha o menor desejo de persuadir ou convencer ninguém, ou de dividir opiniões com ninguém. Mesmo em sua religião ele não tinha o sentimento de fraternidade. Sempre quisera ter vivido na época anticatólica, quando Broome era um solitário posto avançado da Fé, cercado por alienígenas. Às vezes, imaginava-se ajudando à missa celebrada pelo último papa numa catacumba do fim do mundo. Jamais comungava aos domingos; esgueirava-se para dentro da igreja, cedinho, nos dias de semana, quando havia pouca gente à volta. O povo de Santa Dulcina preferia Musgrave, o Monstro. Nos primeiros anos depois do seu divórcio, Guy havia tido alguns tristes casos amorosos, mas sempre os escondera do resto da aldeia. Ultimamente, caíra no hábito de uma castidade seca e negativa que até os padres achavam desedificante. No plano mais baixo, ou no mais alto, não havia simpatias entre ele e seus semelhantes. Não conseguia escutar o que dizia o motorista do táxi.

— A história é uma força viva — disse o taxista, citando um artigo que lera recentemente. — Ninguém pode interrompê-la e dizer: “A partir desta data, não haverá mais mudanças.” Com as nações, assim como com gente, algumas envelhecem. Algumas têm demais; outras, de menos. Então, é preciso haver um acerto. Mas se vier a guerra, todos terão de menos. *Eles* sabem disso. *Eles* não vão querer guerra.

Guy ouvia-lhe a voz sem se incomodar. Apenas uma pequena questão o atribulava no momento: que fazer com o bolo. Não podia deixá-lo no carro; Bianca e Josefina ficariam sabendo. No trem, seria um grande estorvo. Tentou lembrar-se se o vice-cônsul, com quem tinha de decidir certos detalhes do fechamento do Castello, tinha filhos a quem dar o bolo. Parecia-lhe que sim.

Afora esse açucarado contratempo, Guy flutuava livre; tão intocável em seu recém-descoberto contentamento quanto em seu antigo desespero. *Sia lodato Gesu Cristo. Oggi, sempre.* Hoje, especialmente; hoje, entre todos os dias.

## 2

**A família Crouchback**, até recentemente rica e numerosa, andava agora muito reduzida. Guy era o mais moço da família, e era provável que seria o último. A mãe tinha morrido, e o pai já passava dos setenta. Tiveram quatro filhos. Angela, a mais velha; em seguida, veio Gervase, que saiu direto de Downside para a Guarda Irlandesa e foi abatido no primeiro dia em solo francês pela bala de um fuzil de tocaia, morrendo instantaneamente, fresco, limpo e descansado, quando ia por uma prancha sobre a lama, com sua bengala de abrunheiro, a caminho do posto de comando da companhia, onde ia se apresentar. Ivo era apenas um ano mais velho do que o irmão Guy, mas nunca foram amigos. Ivo era sempre estranho. Foi ficando cada vez mais estranho até que, finalmente, com vinte e seis anos de idade, sumiu de casa. Por meses não se teve notícia dele. Então foi achado, sozinho, trancado numa pensão em Cricklewood, tentando se matar de inanição. Foi retirado fraco e delirante e morreu alguns dias depois completamente louco. Isso foi em 1931. A morte de Ivo às vezes parecia a Guy uma horrível caricatura de sua própria vida que, justamente naquela época, mergulhou em desastre.

Antes de as esquisitices de Ivo darem motivo para ansiedade, Guy se casara, não com uma católica mas com uma jovem talentosa, elegante, muito diferente daquilo que os amigos e a família teriam esperado. Tomou posse da parte da reduzida herança da família que cabia ao filho mais moço e se estabeleceu no Quênia, vivendo, conforme lhe pareceu mais tarde, em serena disposição de espírito, junto a um lago de montanha, onde o ar brilhava penetrante, e os flamingos levantavam vô de madrugada; primeiro brancos, depois cor-de-rosa, depois um remoinho de sombra cortando o céu luminoso. Trabalhou a terra assiduamente e quase deu lucro. Então, inexplicavelmente, sua

esposa disse que a saúde dela estava a pedir um ano na Inglaterra. Ela escrevia afetuosa e regularmente, até que um dia, ainda afetosamente, informou-o que se apaixonara perdidamente por um conhecido deles chamado Tommy Blackhouse; que Guy não se zangasse com isso; que ela queria o divórcio. “*E, por favor,*” concluíra a carta, “*não quero saber desse cavalheirismo bobo de você aparecer em Brighton bancando a parte culpada. Isso ia me fazer ficar seis meses longe do Tommy e eu não confio nele fora de minha vista por seis minutos, aquela fera.*”

Então Guy deixou o Quênia, e, logo em seguida, o pai dele deixou Broome. A propriedade, nessa altura, reduzia-se à casa, ao bosque e ao terreno de plantio caseiro. Em anos recentes, atingira certo renome entre os interessados nesses assuntos. Era quase única na Inglaterra contemporânea cuja propriedade, desde o reinado de Henry I, se transmitira em sucessão varonil ininterrupta. Mr Crouchback não a vendeu. Alugou-a a um convento e retirou-se, ele mesmo, para Matchet, uma estação de águas nas proximidades. E a chama do santuário ainda brilhava em Broome como antigamente.

Ninguém tinha mais consciência do declínio da Casa de Crouchback do que o cunhado de Guy, Arthur Box-Bender, que casara com Angela em 1914, quando Broome parecia solidamente pregada no firmamento, um corpo celeste a emanar tradição e inconspícua autoridade. Box-Bender não era de família e respeitava a linhagem de Angela. Até mesmo, em certa época, considerou a inclusão de “Crouchback” no próprio nome, em lugar de Box ou de Bender, ambos os quais pareciam facilmente dispensáveis, mas a gélida indiferença de Mr Crouchback e o debique de Angela logo o desencorajaram. Ele não era católico e entendia que era dever puro e simples de Guy casar de novo, preferivelmente com alguém de dinheiro, e garantir a descendência. Não era um homem sensível e desaprovava a atitude de Guy em esconder-se do mundo. Deveria assumir a propriedade em Broome. Deveria entrar na política. Gente como Guy, sempre dizia, deviam algo ao país; mas quando, no fim de agosto de 1939, Guy apresentou-se em Londres com o propósito de pagar essa dívida, Arthur Box-Bender não foi compreensivo.

— Caro Guy — disse ele — aja de acordo com a sua idade.

Box-Bender tinha cinquenta e seis anos e era membro do Parlamento. Muito tempo antes, servira, com razoável sucesso, num regimento de infantaria e tinha lá agora um filho alistado. Para ele, ser soldado era coisa da extrema juventude, como puxa-puxa de caramelo e atira-deiras. Guy tinha trinta e cinco anos, logo faria trinta e seis e ainda se via na flor da idade. O tempo parara para ele nos últimos oito anos. Para Box-Bender, havia passado rapidamente.

— Você consegue, seriamente, se imaginar avançando à testa de um pelotão?

— Bem, sim — Guy respondeu. — Foi exatamente o que imaginei.

Guy normalmente ficava com Box-Bender na Lowndes Square, quando ia a Londres. Viera direto da estação Victoria, mas soube que sua irmã Angela estava no interior, e encontrou a casa já meio desmanchada. O escritório de Box-Bender era o último aposento intacto. Lá estavam os dois lá, antes de saírem para jantar.

— Receio que você não vá ter muito estímulo. Todo esse tipo de coisa aconteceu em 1914 – coronéis reformados pintando os cabelos e se alistando. Lembro disso disso. Eu estava lá. Todos eles muito briosos, é claro, mas não vai acontecer de novo desta vez. A coisa toda agora é planejada. O governo sabe bem de que quantos homens pode dar conta; sabe onde buscá-los; vai convocar quando for a hora. No momento, não temos acomodação e equipamento para grandes efetivos. É evidente que pode haver baixas, mas, de minha parte, não vejo uma guerra para soldados de jeito nenhum. Onde vamos lutar? Ninguém com algum juízo tentaria romper a Linha Maginot ou a Linha Siegfried. Para mim, ambos os lados vão ficar quietinhos até que comecem a sentir a ferroada econômica. Os alemães estão em falta de quase todos os produtos essenciais da indústria. Assim que perceberem que alguém pagou para ver o blefe de Mr Hitler, nós não vamos mais ouvir falar muito de Mr Hitler. É assunto interno para os alemães resolverem eles mesmos. Não se pode tratar com essa quadrilha que lá está, é claro, mas, assim que eles tenham um governo respeitável, podemos acertar as nossas diferenças.

— Parece a conversa do meu motorista de táxi italiano, ontem.

— Claro. Procure sempre um motorista de táxi, quando precisar de uma opinião independente e sensata. Falei com um deles hoje. Ele me disse: “Quando a gente estiver em guerra, vai ser hora de falar em guerra. Só que, no momento, não estamos em guerra.” Tem muita lógica isso.

— Mas eu percebo que você está tomando todas as precauções.

As três filhas de Box-Bender haviam sido despachadas para Connecticut, onde estavam aos cuidados de um sócio comercial. A casa de Lowndes Square estava sendo esvaziada e fechada. Parte da mobília fora para o interior; o resto iria para um depósito. Box-Bender ocupara parte de um novo apartamento de luxo, cujo preço estava em baixa na ocasião. Ele e mais três colegas da Câmara dos Comuns compartilhariam o apartamento. A mais esperta de suas monobras havia sido conseguir que sua casa no distrito eleitoral fosse considerada repositório de “Tesouros Artísticos Nacionais.” Não haveria o problema de acantonar lá oficiais das forças armadas ou funcionários civis. Poucos minutos antes, Box-Bender explicara essas providências com um toque de orgulho. Agora ele simplesmente voltou-se para o aparelho de rádio e perguntou:

— Você se importa muito se eu ligar esta coisa para ouvir o que estão dizendo? Pode haver alguma novidade.

Mas não havia. Também não havia qualquer mensagem de paz. A evacuação de centros populosos transcorria com a precisão de um relógio; grupos felizes de mães e crianças chegavam pontualmente aos respectivos pontos de distribuição e eram bem-acolhidos em seus novos lares. Box-Bender desligou o rádio.

— Nada de novo desde hoje à tarde. Engraçado como ficam mexendo a coisa para lá e para cá hoje em dia. Nunca gostei muito disso antes. Aliás, Guy, está aí um negócio que poderia servir para você, se você realmente quer ser útil. Estão precisando de quem fale línguas estrangeiras na BBC, a fim de monitorar ou fazer propaganda e essas besteiras. Não é lá muito excitante, é claro, mas alguém tem de fazer isso, e acho que o seu italiano pode ter bastante serventia.

Não existia muita afeição entre os dois cunhados. Jamais ocorrera a Guy especular sobre a opinião que Box-Bender tinha dele. Nunca lhe

ocorrera que Box-Bender tivesse uma opinião dele. Para falar a verdade, e Box-Bender admitia isso abertamente para Angela, por alguns anos, ele esperara que Guy ficasse louco. Não era um homem de grande imaginação, não se impressionava facilmente, mas se envolvera muito na procura de Ivo e na sua descoberta horripilante. Aquilo causara impacto. Guy e Ivo eram extraordinariamente parecidos. Box-Bender lembrava da expressão de Ivo nos dias em que a extrema esquisitice dele ainda oscilava do lado de cá da insanidade; não era, de forma alguma, uma expressão selvagem; estava mais para presunçosa e cheia de intenção; algo de “devoção”; algo, na verdade, muito mais semelhante ao olhar atual de Guy, quando ele apareceu tão inoportunamente em Lowndes Square, falando calmamente nos Guardas Irlandeses. Não era presságio de coisa boa. Era melhor levá-lo rapidamente para algum lugar tipo BBC, onde não correria perigo.

Naquela noite, jantaram no Bellamy's. A família de Guy sempre pertencera àquele clube. O nome de Gervase constava do Rol de Honra de 1914-1918, no vestíbulo. Ivo, o pobre demente, sentava-se sempre junto ao janelão saliente, assustando os transeuntes com o seu olhar fixo. Guy entrou para o clube no início da idade adulta; pouco viera nos últimos anos, mas mantinha, assim mesmo, o seu nome na lista de sócios. Era um lugar histórico. Em outros tempos, jogadores embriagados, orientados por lanternistas, haviam tateado os degraus descendo a escada para suas carruagens. Desta vez, Guy e Box-Bender tatearam subir na escuridão total. As primeiras portas de vidro foram pintadas opacas. Depois delas, no pequeno vestíbulo, percebia-se uma fosforescência lúgubre. Além do segundo par de portas, a luz era forte, havia barulho e uma envolvente nuvem densa e inerte de fumo de charuto e uísque. Naqueles primeiros dias de blecaute, o problema da circulação de ar não tinha solução.

O clube reabriu exatamente naquele dia depois da faxina anual. Em tempos normais, estaria quase vazio nessa estação. Agora estava apinhado. Muitas caras conhecidas, mas nenhum amigo. Quando Guy passou por um sócio que o cumprimentou, outro se virou-se e perguntou:

— Quem era? Alguém novo, não?

— Não, é sócio há eras. Você nunca ia adivinhar quem é. O primeiro marido de Virginia Troy.

— É mesmo? Eu pensei que ela fosse casada com Tommy Blackhouse.

— Esse cara foi antes do Tommy. Não consigo me lembrar do nome dele. Acho que mora no Quênia. O Tommy tirou a mulher dele. Depois, o Gussie a teve por uns tempos, e então Bert Troy ficou com ela, quando ia ficando disponível.

— Grande mulher. Bem que eu queria eu mesmo ter uma chance qualquer dia desses.

Naquele clube, não havia preconceitos deprimentes contra vulgarizar nomes de mulheres.

Box-Bender e Guy beberam, jantaram e beberam com um grupo que flutuou e mudou ao longo da noite. A conversa era animada e tímica e, com ela, Guy começou a ambientar-se na cidade tão mudada.

Falaram de providências domésticas. Todos pareciam febrilmente ocupados em desobrigar-se de responsabilidades. Os arranjos de Box-Bender eram o microcosmo de um movimento nacional. Em toda parte, casas eram fechadas, mobílias iam para depósitos, crianças levadas para longe, empregados demitidos, relvas lavradas, pensões e pavilhões de caça com a capacidade esgotada; sogras e babás assumiam o controle por todos os lugares.

Falaram de incidentes e crimes acontecidos durante os blecautes. Fulana perdeu todos os dentes num táxi. Sicrano foi assaltado em Hay Hill e roubaram o que havia ganho no pôquer. Beltrano foi atropelado por uma ambulância da Cruz Vermelha e deixado no local porque pensaram que estava morto.

Falaram de várias formas de serviço. A maioria usava uniforme. Em todos os cantos, pequenos grupos de amigos chegados combinavam passar a guerra juntos. Havia uma bateria de holofotes inteiramente guarnecida por elegantes estetas que eram chamados “o monstruoso regimento de gentlemen.” Corretores da bolsa e comerciantes de vinhos instalavam-se nas salas do quartel-general da Região de Londres. Militares de carreira estavam no sobreaviso de doze horas para o serviço ativo. Donos de iates usavam a farda da Reserva da Marinha

Real deixando crescer a barba. Não parecia existir qualquer chance para Guy em nada disso.

— Aqui o meu cunhado procura um lugar — dizia Box-Bender.

— Você deixou para muito tarde, sabe. Todo o mundo já se arranjou. É claro que as coisas vão começar a pipocar quando o balão subir. Acho melhor esperar até lá.

Ficaram ali sentados até muito tarde, pois ninguém apreciava a idéia de mergulhar na escuridão. Ninguém tentava dirigir um carro. Os táxis eram raros. Formavam grupos para ir juntos para casa. Por fim, Guy e Box-Bender entraram num grupo que ia a pé para Belgravia. Desceram agarrados aos tropeções pelos degraus e adentraram o desconcertante vazio da meia-noite. O tempo poderia ter voltado dois mil anos à época em que Londres era um amontoado de choças protegidas por uma paliçada ao longo do rio, e as ruas por onde agora iam, capinzais vazios e pântanos.

Nas duas semanas seguintes, Guy veio a passar a maior parte do dia no Bellamy's. Mudou-se para um hotel e, diariamente, logo depois do café, caminhava para a rua St. James's, como qualquer um iria para o escritório. Ali escreveu cartas, um maço espesso delas todos os dias, cartas envergonhadas, com facilidade cada vez maior, em um canto do salão matinal.

*“Prezado General Cutter, perdoe, por favor, incomodá-lo neste tempo atribulado. Espero que o senhor se lembre como eu do feliz dia em que os Bradshawes o trouxeram à minha casa em Santa Dulcina e saímos juntos no barco, mas falhamos ignominiosamente em fugar pulpi...”*

*Prezado Coronel Glover, escrevo-lhe, porque sei que o senhor serviu com o meu irmão Gervase e era amigo dele...”*

*Caro Sam, embora não nos vejamos desde Downside, tenho lhe acompanhado a carreira, de longe, com admiração e orgulho indireto...”*

*“Querida Molly, é claro que eu não deveria saber, mas sei que Alex é Alguém Muito Importante e Secreto no Almirantado. Sei ainda que você o mantém numa tremenda rédea curta. Então você bem que poderia ser boazinha e...”*

Ele havia se tornado um pedinchão profissional.

Em geral, havia resposta; uma nota datilografada ou uma chamada telefônica de uma secretária ou de um ajudante-de-ordens; uma entrevista ou um convite. Sempre a mesma polida recusa. “Montamos núcleos de estados-maiores na época de Munique. Presumo que vamos expandir tão logo se saiba qual é o nosso compromisso” – dos civis – “Nossa última diretiva é ir devagar com a seleção do pessoal. Vou pôr você na lista e providenciar para que seja notificado assim que surgir qualquer coisa.”

“Destá vez, não estamos procurando bucha para canhão” – dos militares – “Aprendemos a lição em 1914, quando perdemos a nata da nação. Sofremos disso desde então.”

“Mas eu não sou a nata da nação,” Guy escreveu de volta. “Sou bucha de canhão natural. Não tenho dependentes. Não sou especialista em coisa alguma. E, o que é pior, estou ficando velho. Estou prontinho agora para consumo imediato. Vocês deviam pegar a turma de 35 anos agora e dar aos garotos tempo de ter filhos.”

“Receio que este não seja o ponto de vista oficial. Vou pôr o senhor em nossa lista e providenciar para que seja notificado assim que surgir qualquer coisa.”

Nos dias que se seguiram, o nome de Guy foi posto em muitas listas, e suas poucas qualificações resumidas e arquivadas em muitas pastas confidenciais, onde ficaram sem exame durante todos os longos anos subsequentes.

A Inglaterra declarou guerra, mas isso em nada mudou a rotina de apelos e entrevistas de Guy. Nenhuma bomba caiu. Não houve chuva de fogo nem de veneno. Ainda se quebravam ossos após o anoitecer. Foi só isso. No Bellamy's, ele era apenas um de uma imensa classe deprimida de homens mais velhos que ele que serviram ingloriamente, na Primeira Guerra Mundial. Muitos deles haviam saído da escola direto para as trincheiras e passado o resto de suas vidas procurando esquecer a lama, os piolhos e o barulho. A ordem que tinham era a de aguardar ordens e conversavam tristemente sobre os diversos postos enfadonhos que os esperavam nas estações ferroviárias, nos cais e nos depósitos. O balão tinha subido e os deixara no chão.

A Rússia invadiu a Polônia. Guy não teve eco entre aqueles velhos soldados para sua inflamada indignação.

— Caro amigo, á chegam os inimigos que temos. Não podemos guerrear com o mundo todo.

— Então por que ir para guerra? Se tudo o que queremos é prosperidade, por pior que fosse a proposta de Hitler, seria preferível à vitória. Se nós estamos preocupados com justiça, então os russos são tão culpados quanto os alemães.

— Justiça? — perguntavam os velhos soldados — Justiça?

— Além disso — disse Box-Bender, quando Guy lhe falou sobre o assunto que não parecia estar na cabeça de ninguém, exceto na dele — o país não ia apoiar. Os socialistas vivem querendo matar e esfolar os nazis há cinco anos, mas, no fundo, são todos pacifistas. Se têm algum patriotismo, é pela Rússia. Teríamos uma greve geral e todo país em colapso, se decidíssemos ser justos.

— Então por que estamos lutando?

— Oh, nós tínhamos de entrar nessa, você sabe. Os socialistas sempre pensaram que nós estávamos com Hitler, sabe Deus por quê. Foi um trabalho e tanto ficar neutros na Espanha. Você perdeu a onda toda morando fora. Foi muito estimulante, eu lhe digo. Se nos sentássemos agora e nada fizéssemos, seria o caos. O que temos de fazer agora é limitar e localizar a guerra, em vez de estendê-la.

O fim de todas essas discussões era a escuridão, a noite desnorteante que os esperava além das portas do clube. Quando chegava a hora de fechar, os velhos soldados e os jovens soldados e os políticos formavam as mesmas turmas para ir às cegas a caminho de casa. Sempre havia alguém indo na direção do hotel de Guy, sempre um braço amigo. Mas o coração estava só.

Guy ouvia falar de repartições secretas, conhecidas apenas pelas iniciais ou como “os rapazes de capa-e-espada de fulano de tal.” Banqueiros, jogadores, homens com empregos em companhias de petróleo pareciam achar o caminho para elas; menos Guy. Encontrou um conhecido, jornalista, que estivera no Quênia uma vez. Esse homem, Lord Kilbannock, escrevera ultimamente uma coluna sobre corridas de cavalos; agora envergava um uniforme da Força Aérea.

— Como é que você conseguiu? — Guy perguntou.

— Bem, é meio vergonhoso, para falar a verdade. Foi por um marechal-do-ar. A mulher dele joga bridge com a minha. Ele sempre foi doido para entrar de sócio aqui no clube. Acabei de hospedá-lo lá em casa por uma noite. Ele é um tremendo horror.

— E vai entrar de sócio?

— De jeito nenhum. Já tomei as providências. Três bolas pretas garantidas. Mas ele não pode mais me tirar da Força Aérea.

— Que é que você faz?

— Também é muito constrangedor. Eu sou o que chamam “oficial condutor.” Eu conduzo jornalistas americanos em passeios pela base onde estão os caças. Mas vou achar outra coisa logo. O importante é entrar numa farda; então você começa a se movimentar pelos lugares. Essa é uma guerra muito exclusiva no momento. Uma vez *dentro*, há todas as oportunidades. Estou de olho na Índia ou no Egito. Algum lugar sem blecaute. Um sujeito que mora no meu prédio levou uma cacetada na cabeça numa noite dessas, no meio da escada. Tudo um pouco perigoso demais para mim. Eu não quero uma medalha. Quero ser conhecido como um dos caras-lisas que se deu bem nessa guerra. Venha tomar um drinque.

Assim passavam-se as noites. Todas as manhãs, cedo, Guy acordava ansioso no quarto de hotel. Depois de um mês disso, decidiu sair de Londres e visitar a família.

Foi primeiro ver a irmã, Angela, na casa de Gloucestershire que Box-Bender havia adquirido quando fora aceito como deputado do distrito eleitoral.

— Estamos vivendo da forma mais deplorável — dissera ela ao telefone. — Não podemos mais ir pegar ninguém em Kemble. Falta gasolina. Você vai ter de fazer baldeação e pegar o trem local. Ou o ônibus de Stroud, se ainda existir. Tenho quase certeza que não.

Mas em Kemble, quando ele desceu do corredor onde viajara de pé por três horas, encontrou o sobrinho Tony esperando por ele na plataforma. Usava roupa de flanela. Apenas o cabelo escovinha identificava um soldado.

— Olá, tio Guy! Espero ser uma boa surpresa. Vim salvá-lo do trem local. Eles nos deram uma licença antes do embarque e cupons especiais de gasolina. Entre.

— Você não devia estar de uniforme?

— Devia, mas ninguém usa. Eu me sinto mais humano fora dele algumas horas.

— Acho que vou querer usar sempre o meu, quando tiver um.

Tony Box-Bender riu um riso inocente.

— Eu gostaria lhe ver fardado. Não consigo imaginá-lo mais um da soldadesca licenciada. Por que saiu da Itália? Eu acharia Santa Dulcina o lugar ideal para passar a guerra. Como ficou todo o mundo por lá?

— Momentaneamente banhados em lágrimas.

— Aposto que sentem saudades de você.

— Nem tanto. Eles choram à toa.

Deslizaram por entre os morros baixos de Cotswold. Logo avistaram Berkeley Vale embaixo ao longe, com o marrom dourado do Rio Severn brilhando ao sol da tardinha.

— Você está contente em ir para França?

— Claro. É um inferno ser perseguido o dia todo no quartel. Já está um bom inferno lá em casa no momento – obras de arte valiosas por toda parte, e mamãe fazendo a comida.

A casa de Box-Bender era uma pequena herdade com cumeeiras numa sofisticada vila, onde metade dos chalés tinha banheiros e era decorada com chintz. A sala de visitas e a sala de jantar estavam obstruídas até o teto com caixotes de madeira.

— Que decepção, querido! — disse Angela. — Pensei que tínhamos sido tão espertos. Eu nos imaginei recebendo a Coleção Wallace e num luxo de Sevres e Boulle e Bouchers. Uma guerra tão refinada, pensei. Em vez disso, recebemos placas hititas do Museu Britânico, e nem mesmo podemos dar uma olhadinha nelas; não que a gente queira, Deus nos livre. Você vai ficar horrivelmente sem conforto, meu querido. Todo o andar de cima está fechado, de modo que, se formos bombardeados, não vamos entrar em pânico e pular pelas janelas. Isso Idéia de Arthur. Ele foi realmente muito imaginoso. Ele e eu ficamos no chalé. Eu sei que, uma noite dessas, nós vamos quebrar

o pescoço, quando atravessarmos o jardim para ir dormir. Arthur é muito rigoroso com a lanterna elétrica. É tudo uma grande idiotice. Ninguém consegue enxergar o jardim.

Guy teve a impressão de que a irmã estava ainda mais tagarela do que costumava ser.

— Tony, você acha que deveríamos ter convidados para sua última noite? Receio que vá ser muito sem graça, mas quem poderíamos chamar? Além disso, não há espaço nem para nós mesmos. Temos feito as refeições no escritório do Arthur.

— Não, mãe. É muito melhor ficarmos sozinhos.

— Esperava que você dissesse isso. Nós gostamos da idéia, é claro, mas acho que podiam muito bem ter-lhe dado duas noites.

— Tenho de estar em Londres na segunda-feira, na hora da alvorada. Se você tivesse ficado em Londres...

— Mas você ia querer ficar em casa na sua última noite?

— Onde você estiver, mamãe.

— Ele não é um amor, Guy?

A biblioteca era agora a única sala de estar. A cama já feita para Guy no sofá, em um canto, combinava mal com os globos terrestre e celeste, junto aos pés e à cabeceira.

— Você e Tony terão de usar o toalete sob a escada. Ele dorme na jardineira, o pobrezinho. Agora tenho de ir ver o jantar.

— Não há realmente a menor razão para tudo isso — disse Tony.  
— Mamãe e papai gostam de virar tudo de pernas pro ar. Suponho que seja porque sempre foram tão certinhos antes. E, é claro, o papai sempre foi muito apegado a dinheiro. Detesta gastar, quando sente que é obrigado a isso. Agora ele acha que tem uma ótima desculpa para economizar.

Arthur Box-Bender entrou, carregando uma bandeija.

— Bem, veja só como a nossa vida anda dura! — ele disse. — Em um ano ou dois, se a guerra continuar, todo o mundo vai ter de viver assim. Nós estamos começando cedo. É muito divertido.

— Você só aparece aqui nos fins de semana. — disse Tony — Ouvi dizer que você está muito bem instalado na rua Arlington.

— Acho que você teria achado melhor passar a sua licença em Londres.

— Para falar a verdade, não. — disse Tony.

— A sua mãe não ia poder ficar no apartamento. Sem esposas. Foi parte do acordo, quando decidimos compartilhar. Sherry, Guy? Não sei o que você vai achar desse aqui. É sul-africano. Todo o mundo vai estar bebendo isso em breve.

— Essa sua preocupação em liderar a moda é novidade, Arthur.

— Não gostou?

— Não muito.

— Quanto mais cedo nós nos acostumarmos com esse, melhor. Não vem mais nenhum da Espanha.

— Para mim todos têm o mesmo gosto — opinou Tony.

— Bem, a festa é em sua homenagem.

A mulher de um jardineiro e uma moça do povoado eram agora os únicos criados. Angela fazia todo o serviço mais leve e mais limpo da cozinha. Não demorou muito para que ela os chamasse para o jantar no pequeno estúdio que Arthur Box-Bender gostava de chamar de “sala de negócios.” Ele tinha um espaçoso escritório na cidade; sua secretária particular cuidava de fichários, de uma máquina de escrever e de dois telefones no sudoeste de Londres; nenhum negócio jamais fora fechado na sala onde eles agora jantavam, mas Box-Bender escutara a expressão, pela primeira vez, usada por Mr Crouchback, referindo-se ao local onde ele, tão desastradamente, tratara a papelada da propriedade em Broome. Tinha um autêntico sabor rural, pensara Box-Bender com acerto.

Nos anos de paz, Box-Bender costumava receber pequenos e elegantes grupos de oito ou dez convidados para jantar. Guy tinha lembranças de muitas noites à luz de velas, de uma rígida correção na escolha de pratos e vinhos, de Box-Bender repimpado em sua cadeira e conduzindo a conversa com enfadonhos temas contemporâneos. Naquela noite, com Angela e Tony levantando-se a toda hora para passarem os pratos, ele parecia menos à vontade. Os interesses dele ainda eram atuais e maçantes, mas Guy e Tony tinham, cada qual, as suas próprias preocupações.

— Chocante o que houve com os Abercrombies — ele disse. — Vocês souberam? Fizeram as malas e foram para a Jamaica com armas e bagagens.

— Por que não deveriam? — interveio Tony — Não havia nada para eles aqui. Só bocas a mais para alimentar.

— Parece que eu vou ser boca a mais — disse Guy. — É uma questão de pressentimento, suponho. Deseja-se ficar com o próprio povo em tempo de guerra.

— Não consigo ver as coisas dessa forma — disse Tony.

— Existe muito trabalho útil para civis — disse Box-Bender.

— Todos os evacuados que estavam com os Prentices voltaram para Birmingham fulos da vida — disse Angela. — Eles sempre tiveram muita sorte. Só sei que nós vamos ficar com os horrores hititas para o resto da vida.

— É terrível para o pessoal não saber onde estão as suas esposas e famílias. — comentou Tony — O pobre oficial de assistência social passa o dia inteiro tentando localizar essa gente. Seis praças do meu pelotão saíram de licença sem saberem se tinham casa para onde ir.

— A velha Mrs. Sparrow caiu do depósito de maçãs e quebrou as pernas. Não queriam interná-la no hospital, porque todos os leitos estão reservados para vítimas dos ataques aéreos.

— Somos obrigados a manter um oficial de serviço, dia e noite, fazendo observação aérea passiva. É tremendamente chato. Eles telefonam de hora em hora para dizer “tudo limpo.”

— Caroline Maiden foi parada em Stroud por um policial que lhe perguntou por que ela não levava máscara contra gases.

— Guerra química é o fim. Dou graças aos céus por ter uma educação clássica. Tivemos de mandar um oficial do batalhão para fazer um curso de guerra química. Eu fui selecionado. Então, graças ao bom Deus, um cara caindo de bêbedo, que acabara de ganhar uma bolsa em Ciência, apareceu na Companhia C. Aí eu paguei uns drinques pro ajudante e consegui que o tal cara fosse em meu lugar. Toda a turma da birita está em guerra química.

Tony pertencia a outro mundo; os problemas dos pais não eram dele. Guy não pertencia a nenhum desses mundos.

— Ouvi alguém dizer que esta era uma guerra muito exclusiva.

— Bem, com toda a certeza, tio Guy, quanto mais gente houver que consiga ficar fora, melhor. Vocês, paisanos, não sabem quando estão passando bem.

— Tony, talvez nós não queiramos exatamente passar bem neste momento.

— Eu sei precisamente o que quero. Uma Military Cross e um belo ferimento. Assim posso passar o resto da guerra paparicado por lindas enfermeiras.

— *Por favor*, Tony.

— Desculpe, mãe. Não fique tão séria. Vou começar a achar que devia ter passado a minha licença em Londres.

— E eu que pensei que escondia muito bem minhas emoções. Mas por favor, querido, não fale assim de ficar ferido.

— Bem, é o melhor que se pode esperar, não é?

— Olhem aqui — interveio Box-Bender — será que não estamos ficando um pouquinho mórbidos? Sai com o seu tio Guy, enquanto sua mãe e eu tiramos a mesa.

Guy e Tony foram para a biblioteca. As janelas francesas abriam-se para o calçamento do jardim.

— Droga! Temos de fechar as cortinas antes de acender a luz.

— Vamos lá para fora um instante — propôs Guy.

Mal se podia ver o caminho. O ar trazia o aroma de flores invisíveis de magnólia, do alto da velha árvore que cobria metade da casa.

— Nunca me senti menos mórbido em minha vida — disse Tony.

Mas, quando ele e Guy passeavam na escuridão que aumentava, quebrou o silêncio e disse de repente:

— Fale-me de ficar louco. Muita gente da família de mamãe enlouqueceu?

— Não.

— Houve o tio Ivo, não foi?

— Ele sofria de excesso de melancolia.

— Não é hereditário?

— Não, não. Por quê? Você acha que o seu juízo anda vacilando?

— Ainda não. É que eu li algo a respeito de um oficial, na última guerra, que parecia bem normal, até que ele entrou em combate e então ficou doidinho de sair latindo, e o sargento teve de dar um tiro nele.

— “Sair latindo” dificilmente, seria uma expressão a ser empregada, em relação ao problema do seu tio. Ele era, em todos os sentidos, um homem muito recatado.

— E quanto aos outros?

— Olhe para mim. Olhe o seu avô – e o seu tio-avô Peregrine; ele é espantosamente são.

— Ele passa o tempo coletando binóculos e enviando para o Ministério da Guerra. Isso é ser são?

— Perfeitamente.

— Ainda bem que o senhor me disse.

Foi quando ouviram Angela chamar:

— Entrem vocês dois. Está muito escuro. De que vocês estão falando?

— Tony acha que está ficando doido.

— Mrs Groat está. Ela deixou a despensa sem blecaute.

Sentaram-se na biblioteca com as costas voltadas para a cama de Guy. Logo Tony se levantou para dizer boa-noite.

— Missa às oito — disse Angela — A gente tem de sair vinte minutos antes. Vou pegar uns evacuados em Uley.

— Puxa, mas escuta, não tem nada mais tarde? Eu estava planejando dormir até tarde.

— Achei que devíamos todos comungar amanhã. Vem com a gente, Tony.

— Está bem, mamãe. Claro que eu vou. Mas, nesse caso, muda para vinte e cinco minutos antes. Eu vou ter de ralar a pele depois de semanas de depravação.

Box-Bender parecia inibido, como lhe acontecia, sempre, quando se falava de práticas religiosas. Ele não conseguia habituar-se àquilo – àquela desenvoltura com a Imponência Divina.

— Estarei com vocês em espírito — disse ele.

Em seguida, ele também se retirou e saiu tropeçando pelo jardim a caminho do chalé. Angela e Guy ficaram sozinhos.

— Ele é um rapaz encantador, Angela.

— É mesmo. Tão militar, não é? Tudo em questão de meses. Ele não está nem um pouquinho preocupado em ir para França.

— Acho que não está mesmo.

— Ah, Guy, você é muito novo para lembrar. Eu cresci com a primeira guerra. Eu sou uma das moças sobre quem você leu que dançavam com os soldados que iam ser mortos. Lembro do telegrama que chegou falando do Gervase. Você era só um menino na escola que queria chupar balas. Lembro da primeira turma que seguiu. Não sobrou nem um no fim. Qual é a chance que tem um garoto na idade do Tony, indo agora bem no começo? Eu trabalhava num hospital, você lembra? Por isso não agüentei, quando o Tony falou de um belo ferimento e de ser paparicado.

— Ele não devia ter dito aquilo.

— Não havia ferimentos pequenos e bonitinhos. Eram todos absolutamente brutais e, desta vez, também haverá todos os tipos de produtos químicos horríveis, eu suponho. Você ouviu como ele falou da guerra química – passatempo para oficiais bêbedos. Ele não sabe como vai ser aquilo. Não existe sequer a esperança de ele cair prisioneiro desta vez. No tempo do Kaiser, os alemães ainda eram um povo civilizado. Esses brutos são capazes de qualquer coisa.

— Angela, não há o que eu possa dizer, a não ser que você não ia querer que Tony fosse diferente. Você não ia querer que ele fosse como um desses desgraçados que, ouvi, fugiram para a Irlanda ou a América.

— Isso é inconcebível, é claro.

— Bem, e então?

— Eu sei, eu sei. Hora de ir para cama. Receio que tenhamos enchido seu quarto de fumaça. Você pode abrir a janela, depois que apagar a luz. Ainda bem que Arthur já foi dormir. Posso usar a minha lanterna para atravessar o jardim sem ser acusada de atrair os zeppelins.

Naquela noite, deitado e acordado, forçado a escolher entre ar puro e claridade, preferindo o ar, sem poder ler, Guy pensou: “Por que o

Tony? Que economia maluca era aquela que desperdiçava o Tony e o salvava a ele mesmo? Na China, quando se era convocado para o exército, considerava-se um gesto honrado contratar um jovem e mandá-lo em seu lugar. Tony era rico em amor e promessas; ele, um destituído que nada possuía além de alguns grãos de fé. Por que não podia ir para a França no lugar do Tony, para aquele belo ferimento ou o presídio bárbaro?”

Mas, na manhã seguinte, ao se ajoelhar junto à grade da comunhão, ao lado de Angela e Tony, ele pareceu ouvir a resposta nas palavras do cânon: *Domine non sum dignus*.

### 3

**Guy planejara ficar** duas noites e ir embora na segunda-feira para visitar o pai em Matchet. Em vez disso, saiu no domingo, depois do almoço, deixando Angela à vontade em suas últimas horas com Tony. Foi uma viagem que ele já fizera muitas vezes antes. Box-Bender costumava enviá-lo de carro para Bristol. O pai mandava alguém buscá-lo na estação da linha férrea principal. Agora o mundo inteiro parecia estar em movimento, e ele foi obrigado a uma jornada tediosa com várias baldeações de ônibus e trens. Chegou a Matchet no final da tarde e encontrou o pai a esperá-lo na plataforma ao lado do seu cão de caça.

— Não sei onde se meteu o carregador do hotel — disse Mr Crouchback. — Eu lhe disse que ia precisar dele. Mas todo o mundo anda muito ocupado. Deixe sua mala aqui. Acho que vamos encontrar com ele no caminho.

Pai, filho e cachorro caminharam juntos rumo ao pôr-do-sol, descendo as ruas íngremes da cidade.

Apesar dos quarenta anos que os separavam, havia uma semelhança marcante entre Guy e Mr Crouchback. Mr Crouchback era o mais alto e tinha uma expressão de inabalável benevolência que faltava em Guy. “Mais *racé* do que *distingué*” era como Miss Vavasour, outra hóspede do Marine Hotel, definia o visível encanto de Mr Crouchback. Nada havia nele de janota, nada de superficial, nada de ranzinza. Ele não era o que se costuma chamar de “um tipo.” Era um velho inocente e afável que, de alguma forma, conseguira preservar o bom humor – mais do que isso, uma alegria tranqüila e misteriosa – ao longo de uma vida que, para quem visse de fora, havia sido sobrecarregada de infortúnio. Como tanta gente, ele nascera à plena luz do sol e vivera para ver o anoitecer. A Inglaterra estava cheia desses Jós frustrados em

suas expectativas. Mr Crouchback perdera a sua casa. Parte pelas mãos do pai, parte pelas dele mesmo, sem extravagâncias ou especulações, a sua herança se dissolvera. Muito cedo ele ficara sem a esposa amada e abandonara-se a uma longa viuvez. Ele tinha um nome de linhagem antiga, ao qual agora se dava pouca importância e que estava ameaçado de extinção. Somente Deus e Guy sabiam da qualidade sólida e singular do orgulho de família de Mr Crouchback. Guardava-o para si mesmo. Aquela paixão que costuma crescer de forma tão espinhosa, só trouxera rosas para Mr Crouchback. Ele não tinha qualquer consciência de classe, porque via a intrincada estrutura social do seu país nitidamente dividida em duas partes desiguais e inconfundíveis. De um lado os Crouchbacks e certas famílias discretas e aliadas desde tempos remotos; do outro, o resto da humanidade, Box-Bender, o açougueiro, o Duque de Omnium (cuja fortuna que tivera uma vez derivava de espólios monásticos), Lloyd George, Neville Chamberlain – todos num bolo só. Mr Crouchback não reconhecia nenhum monarca desde James II. Não era uma avaliação sensata, mas, na ternura do seu caráter, engendrava duas raras qualidades: tolerância e humildade. Ele presumia que muito pouco poderia se esperar dos comuns; era espantoso como alguns se portavam tão bem ocasionalmente, enquanto, no que se referia a ele próprio, qualquer virtude que possuísse vinha de longe, sem que ele fizesse por merecer, e qualquer pequeno defeito era brutalmente censurável em uma pessoa de sua alta tradição.

Ele ainda tinha outra vantagem natural em relação a Guy; era reforçado por uma memória que guardava as coisas boas e rejeitava as ruins. Apesar dos pesares, ele tivera um quinhão razoável de alegrias, e estas estavam sempre acessíveis e frescas na mente de Mr Crouchback. Jamais lamentou a perda de Broome. Ele ainda a habitava do jeito que a conhecera na infância esplendorosa e no precoce amor retribuído.

Não houvera queixas na sua efetiva saída da casa. Compareceu a todos os dias da venda, sentando-se sob a tenda do palanque do leiloeiro, a mastigar sanduíches de faisão, a beber vinho do Porto, atento aos lances com interesse incansável, em nada lembrando o fidalgo arruinado da ilustração vitoriana.

“... Quem iria pensar que aqueles vasos velhos valiam 18 libras?...”

De onde saiu aquela mesa? Nunca a vi antes em minha vida... Como parecem surrados os tapetes, quando os retiramos... Que diabos Mrs Chadwick há de querer com um urso empalhado?...”

O Marine Hotel, em Matchet, era mantido por antigos empregados de Broome. Eles o faziam sentir-se muito bem-vindo. Para lá levou algumas fotografias, a mobília do quarto de dormir à qual se acostumara, completa e um tanto austera – o estrado de metal da cama, os armários e a sapateira de carvalho, o espelho de barbear redondo, o *prie-dieu* de mogno. A sua sala de estar foi montada com alguns móveis escolhidos do salão de fumar de Broome com uma cuidadosa seleção de velhos volumes favoritos da biblioteca. E ali ele vivera desde então, imensamente respeitado por Miss Vavasour e pelos demais hóspedes residentes. O proprietário inicial vendeu tudo e mudou-se para o Canadá; o sucessor assumiu Mr Crouchback juntamente com os outros bens. Uma vez por ano, ele visitava Broome, quando então se cantava um réquiem em intenção de seus ancestrais. Jamais se lamuriava por sua sua mudança de *status* ou tocava no assunto com recém-chegados. Ia à missa todos os dias, caminhando pontualmente por High Street, antes de o comércio abrir; caminhava pontualmente de volta, quando as persianas estavam sendo abaixadas, sempre com um cumprimento amável para todos que passavam. Todo o seu orgulho de família era brincadeira de criança, comparado com a sua fé religiosa. Quando Virginia deixou Guy sem terem tido filhos, não ocorreu a Mr Crouchback, como nunca ocorrera a Box-Bender, que a continuação de sua linhagem valia uma querela com a Igreja; que Guy deveria se casar novamente no civil, gerar um herdeiro e só depois resolver as pendências com as autoridades eclesiásticas, como as outras pessoas, de alguma forma, pareciam fazer. O orgulho pela família não podia ser satisfeito com desonra. Havia, de fato, duas excomunhões medievais e uma apostasia no século XVII, claramente expostas nos anais da família, mas essas estavam entre os acontecimentos expelidos das lembranças de Mr Crouchback.

Naquela noite, a cidade parecia ter mais gente que de costume. Guy conhecia Matchet muito bem. Fizera ali piqueniques nos tempos de criança e visitava o pai todas as vezes que vinha à Inglaterra. O Marine

Hotel ficava fora da cidade, no alto do penhasco, ao lado do posto da guarda costeira. O caminho ia pela enseada, ao longo da zona portuária, depois subia de novo por uma trilha de pedras avermelhadas. A Ilha Lundy podia ser vista no poente, além das águas escuras. O canal estava cheio de navios detidos pelo controle ao contrabando.

— Eu gostaria de me ter despedido do Tony — disse Mr Crouchback. — Não sabia que ele iria embora tão cedo. Tenho um negócio que eu procurei para ele outro dia e queria lhe dar. Sei que ele gostaria de ter — a medalha de Nossa Senhora de Lourdes que era do Gervase. Ele comprou na França, num feriado, no dia em que eclodiu a guerra, e ele a usava o tempo todo. Eles a mandaram para mim com o relógio e as coisas dele, quando ele morreu. O Tony devia ficar com ela.

— Não acho que haja tempo para entregá-la a ele agora.

— Eu queria tê-la dado a ele eu mesmo. Não é a mesma coisa enviar junto a uma carta. Mais difícil de explicar.

— Ela não protegeu muito o Gervase, não?

— Protegeu, sim — contestou Mr Crouchback. — Muito mais do que você pensa. Antes de ir embora, quando veio se despedir, ele me contou. O exército é cheio de tentações para um rapaz. Uma vez, em Londres, quando estava em treinamento, ele tomou um porre com um pessoal do regimento, e no final ele se viu sozinho com uma jovem que havia conhecido num lugar qualquer. Ela começou a tomar liberdades e tirou a gravata dele; aí, ela viu a medalha e, de repente, os dois ficaram sóbrios e ela começou a falar sobre o convento onde havia estudado; aí, os dois se despediram como amigos, e não se cometeu nenhum mal. Eu chamo isso de proteção. E uso uma medalha a vida inteira. Você usa?

— Uso, de vez em quando. No momento, estou sem nenhuma.

— Pois devia usar, sabe? Com bombas e essas coisas por aí. Se for atingido e o levarem a um hospital, vão saber que você é católico e chamam um padre. Uma enfermeira me contou isso uma vez. Você quer ficar com a medalha do Gervase, já que o Tony não pode?

— Muito. Até porque espero também entrar para o exército.

— Foi o que me disse em sua carta, mas eles recusaram você.

— Não me parece haver grande competição por mim.

— É uma pena. Mas não imagino você soldado. Você nunca gostou de carros a motor, não é? Hoje é tudo carro a motor, sabia? Alguém estava me contando que a yeomanry não tem mais nenhum cavalo desde o ano retrasado; e também não têm nenhum carro ainda. Parece uma grande bobagem. Mas você também não liga para cavalos, liga?

— Não ultimamente — Guy respondeu, lembrando-se dos oito cavalos que ele e Virginia possuíam no Quênia; das cavalgadas em volta do lago de madrugada. Lembrou-se também da caminhonete Ford que ele tinha de dirigir, duas vezes por mês, até ao mercado pela estrada de terra batida.

— Trens de luxo fazem mais o seu gênero, hein?

— Os trens de hoje nada têm de luxuosos — disse Guy.

— Não — disse o pai. — E eu não tenho nada que ficar troçando de você. Muita gentileza sua andar tudo isso para me ver, meu rapaz. Acho que você não vai se chatear por aqui. Há uma porção de gente nova na estalagem — é divertido. Fiz um novo círculo de amizade nos últimos quinze dias. Pessoas encantadoras. Você vai ter uma surpresa.

— Mais gente como Miss Vavasour?

— Não, não. Gente diferente. Todo o tipo de gente jovem. Uma encantadora Mrs Tickeridge e a filha. O marido dela é major dos Alabardeiros. Veio passar o domingo. Você vai gostar muito deles.

O Marine Hotel estava cheio, superlotado, como todos os hotéis pareciam estar em todo o país. Outrora, quando vinha visitar o pai, Guy percebia um certo interesse entre os hóspedes e o pessoal do hotel. Agora ele achava difícil ter qualquer tipo de atenção.

— Não, nós estamos lotados — falou a gerente. — Mr Crouchback de fato pediu um quarto para o senhor, mas nós o esperávamos amanhã. Esta noite não temos nada.

— Talvez a senhora pudesse arrumá-lo em minha sala de estar.

— Faremos o possível, se o senhor não se importar em esperar um pouquinho.

O carregador que deveria ter ido à estação estava ajudando a servir uma rodada de drinques no saguão.

— Irei pegar a sua bagagem logo que puder — prometeu ele — se o senhor não se importar de esperar até depois do jantar.

Guy se importava. Queria trocar de camisa depois da viagem, mas o homem sumiu com a sua travessa de copos antes que ele pudesse responder.

— Não é uma cena festiva? — perguntou Mr Crouchback. — Aqueles lá são os Tickeridges. Venha conhecê-los.

Guy viu uma mulher tímida ao lado de um homem fardado, cujos bigodes enormes lembravam o guidom de uma bicicleta.

— Acho que eles já puseram a filhinha deles para dormir. É uma criança notável. Tem só seis anos, nada de babá, e faz tudo sozinha.

A mulher tímida sorriu com uma simpatia inesperada, na direção de Mr Crouchback que se aproximava dela. O homem dos bigodes começou a ajeitar os móveis em volta, para abrir espaço.

— Olá! — saudou ele. — Perdoe-me as luvas.

Ele segurava uma cadeira sobre a cabeça com ambas as mãos.

— Estávamos prestes a tomar um trago. Qual é o seu?

Ele conseguiu clarear um pequeno espaço e preenchê-lo com cadeiras. Deu um jeito de ter a ajuda do carregador. Mr Crouchback apresentou Guy.

— Com que então você também se juntou aos comedores de lótus? Acabo de acomodar aqui a madame e a menina pela duração da guerra. Um lugar encantador! Bem que eu queria passar umas semanas aqui, em vez de ficar naquele quartel.

— Não — disse Guy. — Eu só vou ficar uma noite.

— Uma pena. A madame quer companhia. Já tem muito velho bonachão por aqui.

Além dos imensos bigodes, o Major Tickeridge tinha suíças com tufos de fios amarelo-avermelhados no alto das bochechas, quase a lhe cobrirem os olhos.

O carregador lhes trouxe os drinques. Guy tentou puxar o assunto de sua bagagem, mas ele escapuliu num piscar de olhos, dizendo:

— Estarei com o senhor num minuto.

— Problemas com a bagagem? — perguntou o major. — A coisa aqui anda tumultuada. Qual é o problema?

Guy narrou-lhe tudo em minúcias.

— Isso é fácil. Posso contar com o inestimável, mas normalmente invisível alabardeiro Gold, postado no escalão de retaguarda na posição de descansar. Deixe que ele vá.

— Não, que é isso, por favor...

— O alabardeiro Gold nada fez desde que chegamos aqui, exceto me acordar cedo demais hoje de manhã. Ele precisa do exercício. Ademais, ele é um homem casado, e as camareiras não lhe dão sossego. Vai ser bom para o alabardeiro Gold se afastar delas um pouco.

Guy simpatizou com aquele homem generoso e peludo.

— É assim que se faz! — brindou o major.

— É assim que se faz! — brindou a esposa tímida.

— É assim que se faz! — brindou Mr Crouchback com total serenidade.

Mas Guy só conseguiu um resmungo meio sem jeito.

— O primeiro de hoje — disse o major, emborcando o gim cor-de-rosa. — Vi, peça uma outra rodada, enquanto eu localizo o alabardeiro.

Com uma série de colisões e de desculpas, o Major Tickeridge abriu caminho através do salão.

— É muita gentileza do seu marido.

— Ele não suporta ver um homem parado sem fazer nada — disse Mrs Tickeridge. — O alabardeiro dele está em adestramento.

Mais tarde, quando se separaram para o jantar, Mr Crouchback comentou:

— Gente maravilhosa, não lhe disse? Você vai conhecer Jennifer amanhã. Uma bela criança bem-comportada.

No salão de jantar, os antigos moradores tinham as suas mesas próximas às paredes. Os recentes sentavam-se no centro e, pareceu a Guy, recebiam mais atenção. Mr Crouchback, por um antigo entendimento, comprava seu próprio vinho e guardava na adega do hotel. Uma garrafa de Borgonha e uma de vinho do Porto já estavam na mesa. Os cinco pratos servidos estavam bem melhores do que se poderia esperar.

— É impressionante como os Cuthberts conseguem lidar com a

afluência. Aconteceu tão de repente. É claro que a gente tem de esperar um pouco entre os pratos, mas eles dão um jeito de servir um jantar muito decente, não é mesmo? Houve apenas uma mudança de que eu não gostei. Eles me pediram que não mais trouxesse o Felix para as refeições. De fato, ele ocupava muito espaço.

Junto com o pudim, o garçom pôs sobre a mesa um prato cheio de comida de cachorro.

Mr Crouchback examinou-o cuidadosamente, virando o alimento canino com o próprio garfo.

— Sim. Isso parece delicioso — disse ele. — Muito, muitíssimo obrigado.

E, virando-se para Guy:

— Você se importa se eu levar isto para o Felix agora? Ele já se acostumou a comer a esta hora. Sirva o vinho do Porto. Eu volto já.

Ele levou o prato, atravessando o salão, até à sua sala de estar que agora servia de quarto para Guy, e logo voltou.

— Mais tarde, a gente o leva para dar uma volta — disse Mr Crouchback. — Lá pelas dez horas. Vejo que os Tickeridges já acabaram de jantar. Já faz duas noites que eles me acompanham numa taça de Porto. Parecem um tanto tímidos esta noite. Você não se importa, se eu chamá-los, não é?

Eles vieram.

— Um belo vinho, senhor!

— Oh, é só um agrado que o pessoal de Londres costuma me mandar.

— Eu gostaria de que o senhor fosse ao nosso rancho do quartel um dia desses. Temos alguns dos melhores vinhos do Porto que servimos em noites de convidados. Você, também. — acrescentou, dirigindo-se a Guy.

— O meu filho, apesar da idade, está fazendo um tremendo esforço para se alistar no exército.

— Não me diga! É mesmo? É o que eu chamo *jolly sporting*.

— Não tem sido muito *sporting* para mim — disse Guy, passando, em seguida, a desfiar, sarcasticamente, seus desapontamentos e as rejeições dos últimos quinze dias.

O Major Tickeridge ficou um pouco confuso com o tom irônico do relato.

— Vem cá — disse o major — você está sendo sério mesmo?

— Tento não estar — respondeu Guy — mas receio que estou sim.

— Porque se você *está* falando sério, por que não se junta a *nós*?

— Eu praticamente já desisti — disse Guy. — Para falar a verdade até já me alistei no serviço diplomático.

O Major Tickeridge mostrou profunda preocupação.

— Pois eu lhe digo que esse foi um gesto bastante desesperado. Olhe aqui, se você estiver realmente falando sério, acho que a coisa pode ser arranjada. A velha corporação nunca faz as coisas do jeito tradicional do exército. Quero dizer, não é aquela conversa do Hore-Belisha de começar de baixo. Estamos formando uma brigada nossa; metade pessoal de carreira e metade temporários; metade alistados e metade de longo prazo. Ainda está tudo só no papel, no momento, mas qualquer dia desses vamos dar início ao treinamento do quadro de oficiais. Vai ser um negócio muito especial. Todos nos conhecemos no corpo, sabe. Por isso, se você quiser que eu dê uma palavrinha com o capitão-comandante, é só me dizer. Eu o ouvi dizer, outro dia, que ele bem que gostaria de ter uns caras mais velhos entre os oficiais temporários.

Por volta das dez horas da noite, quando Guy e o pai deixaram Felix dar seus pulos na escuridão, o Major Tickeridge anotara os dados de Guy e prometera providências imediatas.

— É espantoso — disse Guy. — Passei semanas aborrecendo generais, ministros do Gabinete e nada consegui. Aí eu venho aqui e, em uma hora, tudo se ajeita para mim por obra de um major estranho.

— É sempre assim que acontece. Eu lhe disse que o Tickeridge era um sujeito de primeira — disse Mr Crouchback — e os Alabardeiros são um regimento magnífico. Eu já os vi desfilar. São em tudo tão bons como os Foot Guards.

Às onze horas, as luzes foram apagadas no andar térreo do Marine

Hotel, e os empregados sumiram. Guy e o pai subiram para dormir. A sala de estar de Mr Crouchback cheirava a tabaco e cachorro.

— Receio que a cama não seja lá grande coisa.

— Noite passada, na casa da Angela, eu dormi na biblioteca.

— Bem, espero que você fique confortável.

Guy se despiu e deitou no sofá junto à janela aberta. O mar batia lá embaixo, e o ar marinho enchia o quarto. Desde aquela manhã, a situação dele havia mudado bastante.

Não demorou muito, e a porta do quarto do pai se abriu.

— Hahn... você está dormindo?

— Não, ainda não.

— Aqui está esta coisa que você disse que queria. A medalha do Gervase. Pode ser que eu me esqueça de manhã.

— MUITÍSSIMO grato. Vou usá-la sempre a partir de hoje.

— Deixo aqui na mesa. Boa noite.

Guy esticou-se na escuridão e sentiu o leve disco de metal. Estava presa a um pedaço de barbante. Ele o amarrou ao pescoço e ouviu o pai sair do quarto.

— Hahn... receio que eu acorde muito cedo, e vou ter de passar por aqui. Tentarei fazer o mínimo de barulho.

— Eu vou à missa com o senhor.

— Vai mesmo? Isso. Boa noite de novo.

Logo depois, ouviu o leve ronco do pai. O último pensamento que teve antes de cair no sono foi uma inquietante pergunta: “Por que eu não pude dizer *É assim que se faz* ao Major Tickeridge? Meu pai disse. Gervase teria dito. Por que não consegui?”